

A E S F I N G E

por L U Í S D E S A N J U S T O

H A' milénios erguida magestosa
no limiar do Gizeh,
com os flancos fustigados pelas areias
do Deserto

arrebatadas pelo simoun,
estava a Esfinge
a guarda vigilante
dos lídimos arcanos da Ciência Antiga.
De face impenetrável e olhar frio
ia propondo à louca Humanidade
o seu profundo
o seu incógnito
o seu insondável problema!
A' ansiosa interrogação do fraco humano
calava cada vez mais seu segrêdo
e ficava impassível, muda e fria,
sob as estrêlas da noite misteriosa.
Contra o enigma de pedra
pulverizavam-se as vontades mais tenazes
como as borboletas que queimam as asas
atraídas pela luz da chama viva.
E' ela
a orgulhosa
continuava callando o seu segrêdo
no seu silêncio augusto e milenário.
Os séculos passaram,
mil sois abrasaram a hierática figura,
o luar iluminou mil vezes
o seu perfil severo,
o vento cálido bafejou a sua face
e a Esfinge
sinistra e muda
interrogava o caminheiro torturado
e calava-se sempre inexorável!
Um dia
surgiu-lhe por diante
um pioneiro ousado—o E'dipo da lenda,
e o monstro estremeceu
ao ouvir concisa e clara
a resposta do Homem: «Sou Eu!»

Eu sou! foi êsse o brado decidido
do Homem libertado
que a Grécia fez surgir altivamente
aureolado por um clarão de luz!
Sou Eu! Sou Eu! desfeito era o mistério
tenebroso
da Esfinge de então;
e pelos séculos ficou vibrando
o grito de alforria heroico e puro
e pelos séculos brilhou, resplandecente
como um sol,
o facho que a Helada acendeu!
Mas a noite voltou
e pouco a pouco
de novo foi-se erguendo temerosa
a sombra da Esfinge.
Os séculos caíram um a um
na gigantesca
clépsidra de Cronos.
E um novo enigma foi proposto
maior do que o primeiro.
A Esfinge permanece no deserto
torturando a razão da Humanidade
e sob a sua máscara de pedra
de olhar frio,
está um imenso ponto de interrogação.
Mas vivemos agora um século de análise
e o Homem que venceu
o tempo e o espaço,
que aprendeu a levar o pensamento
num relâmpago
dum ponto do globo ao seu antípoda,
que possui a faculdade
de perfurar com raios X a opacidade dos corpos,
ha-de solver também
o novo enigma da Esfinge:
E'dipos, não-de surgir, também de novo e para
definitivamente
responder:—*Somos Nós!*
E então,
a Esfinge falará,
e quando ela falar...
os Homens não-de ser felizes e perfeitos.

incompreensão do seu fim e das suas bases. Os termos, por serem técnicos (a caracterologia é uma ciência), não são menos acessíveis. Têm de existir como existem os termos-bacalhau, arroz, casa, etc.—para designar as diferentes coisas que por êles deverão ser entendidas. Não são bonitos nem feios, são termos como outros quaisquer. Não os deturpem e não encontrarão nêles qualquer ofensa.

Emfim, como diria o Banana, duas atitudes podem ser tomadas perante estas idéas—ou nos sentimos atraídos por elas e as estudamos, podendo então discuti-las com argumentos razoáveis, ou nos são antipáticas (o que já não revelaria grande espírito científico—esta antipatia à priori) e não as estudamos; mas então, não nos é permitido o direito de matraquear os ouvidos dos restantes mortais com lamentações, umas parvas, outras piégas, outras ainda, absolutamente bacôcas.

Princípio basilar para quem quizesse discutir estas teorias e hipóteses, seria o de procurar estudá-las e compreendê-las antes de vociferar tolices de grôso calibre que, se são por vezes hilariantes, são tristemente indicativas da fraca mentalidade de quem as solta.

//

Foi demasiado o espaço que roubei ao *Sol Nascente* com esta conversa—a primeira—que gostosamente travei com o Senhor Doutor Casais Monteiro, a quem sinceramente agradeço o ensejo que me deu de fazer crêr aos leitores que não é «por dá cá aquela palha» que nós—os jovens—nos lançamos ao estudo de assuntos sempre actuais, procurando fazer frutificar êsse estudo por uma mais larga sementeira.

C A R L O S D E S O U S A E S T R A D A